

## **XV Congresso Brasileiro de Sociologia**

26 a 29 de julho de 2011 - Curitiba (PR)

*GT 29: SOCIOLOGIA ECONÔMICA*

### **Trabalho e Vida Econômica:**

#### **Trabalhadores na Cadeia de Valor do Artesanato no Maranhão.**

*Paulo Fernandes Keller*

Universidade Federal do Maranhão

Resumo: Em nossa investigação concebemos o trabalho como uma dimensão da vida econômica. O objetivo é analisar o trabalho e a produção do artesanato em seu enraizamento em redes econômicas, em particular na cadeia de valor do artesanato, em redes institucionais, assim como na cultura e no ecossistema local a partir do caso da produção artesanal a base de fibra de buriti nos municípios de Barreirinhas e Tutóia no Estado do Maranhão. A investigação teórico-empírica utiliza metodologia de pesquisa qualitativa instrumentalizando dados quantitativos e qualitativos. Faz uma triangulação de perspectivas teóricas e de métodos. A questão trabalho na economia do artesanato se desdobra nas questões das formas de trabalho nas redes de relações que conformam a cadeia de valor do artesanato e nas questões do trabalho artesanal enquanto processo de criação, de produção e de apropriação de valor.

Palavras-chave: Artesão; Economia do Artesanato; Maranhão.

## 1. Introdução.

A perspectiva weberiana de uma *Sociologia Econômica* ampla que abordaria tanto as instituições econômicas do sistema capitalista quanto a organização social do trabalho nunca foi realizada, segundo Richard Swedberg (2003, p. 93), nem na Europa nem nos EUA, tendo ocorrido uma fragmentação da vida econômica em subcampos: Sociologia Industrial e Sociologia do Trabalho, Sociologia da Empresa e Sociologia das Profissões e a própria Sociologia Econômica.

Nesta linha de reflexão, consideramos importante em uma Sociologia Econômica contemporânea realizarmos uma triangulação de perspectivas teóricas de subcampos da Sociologia que abordam diferentes dimensões da vida econômica. Buscamos a combinação de perspectivas e instrumentais analíticos dos subcampos da Sociologia do Trabalho e da Sociologia Econômica. Assim como realizamos uma triangulação dos métodos do estudo de caso, da pesquisa documental, da observação direta e o uso da entrevista semidirigida com elementos da entrevista narrativa. Nossa investigação utiliza metodologia de pesquisa qualitativa instrumentalizando dados quantitativos e qualitativos.

Partimos de uma perspectiva teórica que olha o fenômeno trabalho como parte da vida econômica. Esta perspectiva orienta nossa investigação sobre os trabalhadores e as trabalhadoras da produção artesanal em seu enraizamento na sociedade. Utilizamos a análise de redes para investigar o enraizamento ou imersão do trabalho artesanal nas redes de relações produtivas e econômicas em particular na cadeia de valor do artesanato, sem deixar de considerar a imersão na cultura, no ecossistema e no ambiente institucional. Aqui concebemos o enraizamento das ações econômicas na sociedade como um princípio básico da sociologia econômica contemporânea (SWEDBERG & GRANOVETTER, 2001).

A abordagem da cadeia da mercadoria articulada à análise de redes possibilita compreender a inserção dos trabalhadores do artesanato na economia contemporânea. Em nossa perspectiva a cadeia de valor do produto

artesanal constitui uma rede linear de atividades de concepção, de produção, de comercialização e de consumo em diversos mercados.

Utilizamos o aparato teórico e conceitual da abordagem da cadeia da mercadoria (GEREFFI & KORZENIEWICZ, 1994; GEREFFI, 1999; HOPKINS, T.K. & WALLERSTEIN, 1994; BAIR, 2009) para a análise da cadeia de valor do artesanato. A análise de redes possibilita compreender as redes de relações dos trabalhadores do artesanato com a economia local, com as agências e órgãos de fomento e de promoção do artesanato e com os diversos mercados (turismo e moda).

Nesta comunicação empreendemos uma análise teórico-empírica sobre trabalho e economia do artesanato a partir do estudo de caso de artesãs que utilizam como matéria-prima a fibra do buriti nas Cidades de Barreirinhas e Tutóia (MA). O tema de pesquisa é o trabalho na economia do artesanato no Maranhão contemporâneo. Estas reflexões são resultados parciais do Projeto de Pesquisa “Trabalhadores Artesãos na Sociedade Contemporânea: uma análise do trabalho e da produção artesanal a base de fibra de buriti nas cidades de Barreirinhas e Tutóia - Maranhão”. Projeto que tem o apoio do CNPq e da FAPEMA. As análises e reflexões deste artigo se apoiam em dados coletados em trabalho de campo no ano de 2010 e dados de pesquisa documental e bibliográfica.

Nos municípios de Barreirinhas e Tutóia a produção artesanal feita à base de fibra de buriti se organiza de forma coletiva, seja em pequenos grupos informais familiares e comunitários, seja em associações ou cooperativas formalizadas. Predomina o trabalho artesanal feminino realizado em domicílio com ajuda de algum membro da família em geral da filha.

Na cidade de Barreirinhas existem duas cooperativas de artesãs: a ARTECOOP e a COOPALMAR. Na cidade de Tutóia existe a Associação das Artesãs do Bairro Monte Castelo. As artesãs associadas na ARTECOOP de Barreirinhas e na Associação de Tutóia são apoiadas pelo Projeto “Talentos do Brasil” desenvolvido pelo Ministério do Desenvolvimento Agrário (MDA) – junto com o SEBRAE do Maranhão. O Projeto buscar resgatar práticas e técnicas artesanais enquanto valores da cultura local assim como gerar renda e

melhores condições de vida para estas populações ligadas a agricultura familiar. As artesãs cooperadas e associadas recebem apoio de diversas formas do Projeto Talentos do Brasil, desde capacitação profissional e técnica até consultoria de designers de renome nacional.

A partir de nosso caso empírico investigamos as relações sociais de produção das artesãs cooperadas ao longo da cadeia produtiva, suas relações com os extrativistas e com os designers ligados aos programas de fomento.

A questão central do trabalho na economia do artesanato se desdobra nas questões das formas de trabalho nas redes de relações que conformam a cadeia de valor do artesanato e nas questões do trabalho artesanal enquanto processo de criação, de produção e de apropriação de valor.

Sobre as relações das artesãs cooperadas com os designers nossos interesses de pesquisa se voltam para a natureza desta relação de trabalho, as trocas de saberes entre artesãs e designers e a inserção desta relação de trabalho na cadeia do artesanato enquanto processo de criação, produção e apropriação de valor.

As nossas questões de pesquisa se colocam dentro de diversas problemáticas. Sejam as problemáticas das condições de trabalho e de vida das artesãs e das mudanças do artesanato na sociedade contemporânea a partir de suas relações com o Estado e com o mercado. Sejam as problemáticas da economia da cultura e da economia popular e solidária na medida em que as artesãs são produtoras de objetos culturais e de mercadorias assim como trabalhadoras de baixa renda e organizadas em associações e cooperativas.

Se o trabalhador artesanal é contemporâneo a sua presença na sociedade e na economia de hoje se faz de modo particular. Porque se trata de um meio de sobrevivência (economia substantiva) e uma atividade que demanda habilidades e capacidades específicas, que em minha abordagem não são apenas manuais, mas, sobretudo criativas.

Em muitos estudos contemporâneos a *economia do artesanato* é considerada parte das indústrias criativas. O documento *Creative Industries*

*and Micro & Small Scale Enterprise Development – A Contribution to Poverty Alleviation* da UNIDO (2002, p. 14) afirma que as indústrias criativas:

Constituem um campo complexo e heterogêneo que vai desde os produtos artesanais até as artes visuais e performáticas, a indústria da música, do cinema e produção audiovisual, assim como multimídia incluindo arte digital, publicidade e entretenimento e representa um dos setores mais dinâmicos nos negócios econômicos globais.

O documento *Economia da Cultura* do Ministério da Cultura do Brasil (PORTA, 2008) afirma que “atuam no país 320 mil empresas voltadas à produção cultural, que geram 1,6 milhão de empregos formais. Ou seja, as empresas da cultura representam 5,7 do total de empresas no país e são responsáveis por 4% dos postos de trabalho”. Segundo este documento “A atividade cultural mais presente nos municípios é o **artesanato** (64,3%), seguida pela dança (56%), bandas (53%) e a capoeira (49%)”.

## **2. Revisão da Literatura: Trabalho e Economia do Artesanato.**

Nossa análise do *trabalho artesanal* parte do conceito de trabalho de Marx (1975) enquanto dispêndio de energias físicas e intelectuais onde o *trabalho humano* tem caráter essencialmente criativo:

(...) o que distingue o pior arquiteto da melhor abelha é que ele figura na mente sua construção antes de transformá-la em realidade. No fim do processo de trabalho aparece um resultado que já existia antes idealmente na imaginação do trabalhador. Ele não transforma apenas o material sobre o qual opera; ele imprime ao material o projeto que tinha conscientemente em mira, o qual constitui a lei determinante do seu modo de operar e ao qual tem de subordinar sua vontade.

Com o advento da economia capitalista o saber será dissociado do fazer e o trabalho intelectual do trabalho manual (MARX, 1975). Richard Sennett (2009, p. 169/170) em sua obra *O Artífice* destaca a importância do “vínculo entre a mão e a cabeça” em três tipos de artífices resgatando a imagem da “mão inteligente”. No artesanato como *modelo idealizado* segundo Wright Mills (2009, p. 60) aspecto importante é o domínio do artesão sobre todas as etapas

do processo de trabalho, ou seja, um único trabalhador exerce todas as funções ou mesmo que execute uma tarefa ele tem consciência de sua parte no todo:

O que é realmente necessário para o trabalho-como-artesanato, contudo, é que o vínculo entre o produto e o produtor seja psicologicamente possível; se o produtor não possui legalmente o produto, deve possuí-lo psicologicamente (...). O artesão tem uma imagem do produto acabado, e mesmo que não o faça inteiro, vê o lugar de sua parte no todo e, por conseguinte, compreende o significado de seu esforço em termos desse todo.

Estas reflexões teóricas são importantes para ressaltar que o trabalho do artesão não se define apenas pelo uso das mãos ou um simples trabalho manual e sim envolve a capacidade de projetar e criar objetos a partir de elementos da cultura e o domínio ou arte do saber fazer aquele artefato em particular. O fazer artesanal envolve assim um processo produtivo e criativo.

Os trabalhadores do artesanato constituem um grupo social importante muitas vezes esquecido e com certa invisibilidade socioeconômica. Rosilene Alvim (1983, p. 49) em seu estudo sobre os ourives de Juazeiro do Norte destacou que:

A relação do artesanato com a tradição faz com que muitas vezes grupos sociais que tiram do artesanato seus meios de existência sejam catalogados como partes de uma sociedade tradicional que se define por oposição a uma sociedade moderna (...). No entanto, ver no artesanato resquícios de uma sociedade tradicional é esquecê-lo como contemporâneo e minimizá-lo em sua importância na medida em que é através das chamadas atividades artesanais que parte significativa da população sobrevive.

O artesanato possui uma riqueza imensa pela diversidade do fazer artesanal. Riqueza que passa pela diversidade dos tipos de matérias-primas e das técnicas utilizadas e pelas diversas realidades sociais vividas pelos que o produzem. As riquezas das realidades do trabalho e da produção artesanal constituem o que Maria Isaura Pereira de Queiroz chamou - no Prefácio do livro "Mãos de Mestre" de Sylvia Porto Alegre - de "um segmento sem rosto e sem

nome, que em nosso país sequer faz parte dos cadastros profissionais e das estatísticas oficiais” (ALEGRE, 1994, p. 15).

Apesar da relativa carência de dados oficiais sobre trabalho e economia do artesanato no Brasil, indicadores importantes foram apresentados em reportagem do Jornal Valor Econômico “Gestão - *Programas do SEBRAE pretendem agregar valor à arte regional - Profissionalizar é a ordem no universo dos artesãos* (Tabela “Economia feita à mão”).<sup>1</sup> A reportagem afirma que estima-se em 8,5 milhões o número de artesãos ativos no Brasil. Nesta economia produzida de forma artesanal seriam movimentados R\$ 52 bilhões ao ano. A renda média da atividade no Brasil seria de R\$ 515,00.

Em visita ao PAB – Programa do Artesanato Brasileiro (MDIC – Brasília) em julho de 2010 técnicos deste Programa afirmaram que a cifra de 8,5 milhões de artesãos no Brasil não consta em nenhum documento oficial do PAB/MDIC. Para o pesquisador Ricardo Gomes Lima do Museu do Folclore (CNFCP-MinC) a importância do artesanato passa pelo aspecto quantitativo. Sobre o número de artesãos no Brasil, o estudioso do artesanato Ricardo Gomes Lima (2011) afirmou em entrevista: “Eu não tenho certeza dessa cifra, até porque há mais de duas décadas que eu ouço falar isto. Só não sei qual é a fonte desse levantamento e neste país que cresce continuamente, já era para esse dado ter sido mudado com certeza.”

A economia do artesanato é uma economia diversificada pelos tipos de matérias-primas e pelas técnicas e pela diversidade de realidades socioeconômicas e culturais de seus produtores. Em nosso caso empírico o tema do trabalho na economia do artesanato nos remete às realidades do trabalho em domicílio exercido predominantemente por mulheres e da economia da família pela importância desta atividade para o sustento de milhares de famílias nesta região do Maranhão. A investigação da economia do artesanato exige um olhar sobre realidades socioeconômicas que se cruzam:

---

<sup>1</sup> Matéria de Ediane TIAGO para o Jornal Valor Econômico: *Programas do Sebrae pretendem agregar valor à arte regional - Profissionalizar é a ordem no universo dos artesãos*. Jornal Valor Econômico. Especial: Pequenas e médias empresas (Gestão). Sexta-feira 30 de abril de 2010 (F5).

seja o tema da economia da família em uma forma de economia feminina e o tema da economia popular.

O conceito de *rede* é aqui utilizado para pensar as *redes de relações sociais de produção* em suas dimensões culturais e econômicas. Primeiro as redes de relações entre as artesãs presente nas formas de produção em domicílio e comunitária, nas organizações das artesãs (associação ou cooperativa) e na vida social da comunidade. Segundo as redes de relações das artesãs e suas organizações com os agentes econômicos e com o mercado e com os técnicos e profissionais das agências de fomento e de outras organizações.

Esta perspectiva nos coloca a necessidade de aprofundar os conceitos interligados de rede e cadeia de valor. O estudo de redes na vida social foi desenvolvido de forma pioneira por George Simmel. Em sua clássica análise Simmel estudou a forma como os indivíduos estavam ligados uns aos outros e como estas *teias de afiliações* operavam. Para Simmel (1955): “redes são teias de afiliações que se cruzam”. Na perspectiva deste autor as *redes* não se encontram segregadas em diferentes esferas da economia, da política ou da família.

Para Smith-Doerr & Powell (2005), a *análise de redes* faz contraste com outras abordagens nas ciências sociais. Contraste com o determinismo ou indivíduo supersocializado proporcionando espaço para agência humana, assim como, contraste com a abordagem individualista ou indivíduo atomizado. A análise de redes tem como perspectiva o ator social ocupando posições determinadas nas “teias de afiliações” de Simmel, dotado de capacidade particular e diferenciada de ação e de mobilização de conexões e de recursos nos diversos domínios da vida social. Os estudos de rede conformam um campo intermediário que abarca desde as redes informais e formais entre indivíduos no nível local até redes interorganizacionais no nível global.

O primeiro elemento na análise de rede é a noção de *nós ou pontos* presentes na rede. Estes nós são os atores sociais que podem ser indivíduos e/ou organizações. O segundo elemento da análise é a *posição que estes nós*



*ocupam nas redes* e suas implicações. O terceiro elemento são as *relações - laços e conexões* - entre os nós da rede (SMITH-DOERR & POWELL, 2005).

Esta investigação utiliza a *análise de redes* para pensar a imersão da ação econômica das artesãs e de suas organizações na sociedade. Incorporamos as críticas feitas a Mark Granovetter (SWEDBERG, 2003) e assim pensamos a imersão nos ambientes sociocultural, institucional e econômico, em particular na cadeia de valor ou cadeia produtiva do artesanato.

Seguindo a abordagem de Smith-Doerr & Powell (2005) primeiro vislumbramos as redes não apenas como uma estrutura ou um *simples mapa* das relações e sim atentando para os seus conteúdos que podem ser de competição, de cooperação, de subordinação e de dependência, de solidariedade ou de interdependência. Segundo, concebemos a estrutura das redes de forma dinâmica e não estática. Terceiro, enfocamos os conteúdos das redes nas interações entre indivíduos e organizações no ambiente político institucional mais amplo. Quarto, utilizamos a natureza multinível da análise de rede: indivíduos, grupos, organizações e meio social mais amplo.

Como utilizo a análise de redes para pensar a imersão do artesão e de suas organizações no ambiente social e na cadeia de valor do artesanato iremos concluir refletindo sobre o conceito de Cadeia de Valor. A abordagem da cadeia de valor é uma ferramenta analítica importante para investigar a cadeia do artesanato (UNCTAD, 2008; UNIDO, 2002). Segundo a UNIDO (2002, p. 24) “The crafts that are sold throughout the world today are products of an integrated industrial value chain”. (Ver Figura *The Crafts Value Chain* no Anexo).

Hopkins & Wallerstein (1994) definiram Cadeia da Mercadoria em artigo original como “uma rede de trabalho e processos de produção cujo resultado é um bem acabado”.<sup>2</sup> Nesta investigação utilizamos como referência teórica principal a abordagem de Gary Gereffi (1994, 1999) que assim define Cadeia

---

<sup>2</sup> Análise interessante sobre as diversas abordagens e estudos sobre estudos de rede encontra-se em: FLEURY, A. & FLEURY, M.T. Em busca de metodologias para o estudo de cadeias de valor. In: GITAHY, Leda & LEITE, M. de P. (orgs) *Novas Tramas Produtivas: Uma discussão teórico-metodológica*. São Paulo: SENAC, 2005.

da Mercadoria: “A commodity chain refers to the whole range of activities involved in the design, production, and marketing of a product” (1999, p.9).<sup>3</sup> Em seu modelo teórico Gereffi (1999) diferencia dois tipos de redes internacionais de produção: uma dirigida pelos produtores e outra dirigida pelos compradores (buyer-driven commodity chain). A Cadeia de Valor do Artesanato se enquadra no tipo de cadeia dirigida pelos compradores (GEREFFI, 1999, p. 9):

Buyer-driven commodity chains refer to those industries in which large retailers, marketers, and branded manufacturers play the pivotal roles in setting up decentralized production networks in a variety of exporting countries, typically located in the third world. This pattern of trade-led industrialization has become common in labor-intensive, consumer goods industries such as garments, footwear, toys, housewares, consumer electronics, and *a variety of handicrafts*. Production is generally carried out by tiered networks of third world contractors that make finished goods for foreign buyers. The specifications are supplied by the large retailers or marketers that order the goods.

A perspectiva analítica da cadeia de valor enquanto uma forma rede linear contribui para pensar a posição dos artesãos e seus grupos e organizações nas redes de relações socioeconômicas e institucionais ao longo da cadeia do produto artesanal.

Em nossa investigação buscamos empreender uma reflexão sobre a questão do valor na cadeia do artesanato a partir das diversas formas de trabalho (extrativistas, artesãos, costureiras e designers) ao longo da cadeia produtiva e nas diversas etapas da cadeia (design, manufatura, comercialização e consumo) e em suas diversas dimensões: valor emocional, cultural e simbólico; valor funcional e utilitário ou valor de uso; valor ambiental; valor econômico e mercantil ou valor de troca. E buscamos pensar a posição do trabalho artesanal nas redes de produção em seus fluxos tangíveis e intangíveis. E as relações de poder ao longo da cadeia de valor do artesanato, em particular, a questão do controle da cadeia e da apropriação do valor.

---

<sup>3</sup> Indicamos aqui a obra de Gary Gereffi & Miguel Korzeniewicz (orgs), *Commodity Chains and Global Capitalism* (Westport/Londres: Praeger, 1994).

### **3. Trabalhadores na Cadeia de Valor do Artesanato no Maranhão:**

#### **O caso da produção artesanal a base de fibra de buriti.**

A diversidade na produção do artesanato esta presente no Estado do Maranhão onde podemos encontrar a vestimenta artesanal do vaqueiro produzida em couro; a cerâmica feita de argila; o móvel ou a imagem sacra feita de madeira; a arte indígena que utiliza materiais diversos; o chapéu, a bolsa e a toalha feita da fibra de buriti; a diversidade do trabalho das rendeiras e dos produtores de rede e o universo dos objetos artesanais do Bumba-Boi (SOUSA, 2007).

Estima-se que no Maranhão existam cerca de 50 mil famílias que tenham no artesanato a sua fonte de renda (SEBRAE, 2007). Na região dos Lençóis Maranhenses onde se localizam as cidades de Barreirinhas e Tutóia estimei em algumas dezenas de milhares de artesãs que produzem objetos artesanais utilizando como matéria-prima a fibra das folhas da palmeira do buriti na Região. Artesãs que produzem em domicilio nos povoados da área rural em contextos de agricultura familiar e artesãs que produzem em domicilio em povoados que se assemelham a bairros próximos da área urbana das cidades de Barreirinhas e Tutóia (MA). São artesãs que produzem em domicilio e na informalidade gerando renda em média abaixo do salário mínimo. Uma renda que em geral complementa a economia da família da artesã, seja da artesã que reside com os pais seja da que reside com companheiro, mas que em determinados casos – parte de material coletado na pesquisa – a renda do artesanato é a única forma de sustento da artesã e de seus filhos.

A palmeira do buriti tem valor em termos sócio culturais e simbólicos e em termos sócioeconômicos para as populações rurais e urbana nas Cidades de Barreirinhas e Tutóia. Lima (2011) destacou em entrevista a importância do buriti na produção artesanal brasileira:

O buriti é uma palmeira muito impressionante, porque dela se aproveita tudo, do caule à folha, do fruto à flor. Outro dia eu tomei um licor feito da flor do buriti. E há o doce do fruto, a palha que cobre a casa, faz também a parede, a bolsa e a esteira. O talo da folha faz o brinquedo, a caixa e faz a cadeira, a mesa, a cama

e toda a mobília de uma casa. Seu tronco ergue a casa e por aí vai. Isso numa extensão grande pelo país.

As artesãs obtêm a sua matéria-prima principal – a fibra das folhas da palmeira – comprando dos extrativistas o “olho” ou broto da folha da palmeira pagando por unidade (olho grande ou médio). Há algumas décadas atrás era comum na região artesãs subirem na palmeira para tirar o “olho” e depois realizar todo o processo: extrair e beneficiar a fibra e confeccionar o produto. Uma forma de artesãs extrativistas. As artesãs da Região se referem à fibra mais fina como “seda” ou “linho” do buriti. Nos dias atuais a maioria das artesãs, incluindo as artesãs associadas e cooperadas, compram a matéria-prima seja na forma de “olho” ou broto do buriti (por unidade) ou na forma de fibra (por kilo).

As artesãs que compram o broto ou “olho” desenvolvem a seguir os seguintes processos: 1. Extração da fibra; 2. Beneficiamento da fibra; 3. Tingimento natural da fibra; 4. Confeção do objeto artesanal. Este produto pode ser uma bolsa, um chapéu, um caminho de mesa, um jogo americano, um porta moedas, uma toalha ou um tapete. O tapete ou uma forma de esteira é um produto vendido pelos comerciantes “atravessadores” e utilizado como insumo uma espécie de tecido pelas artesãs costureiras na confecção de diversos produtos. Estas artesãs costureiras utilizam outros insumos como zíper e tecido para forro.

Este saber fazer artesanal a partir da fibra de buriti tem raízes na cultura como herança dos povos indígenas Caetés e Tapuios. As artesãs dos povoados relatam que este saber fazer foi adquirido no ambiente familiar ou comunitário.

Entrevistador: Você é artesã desde quando?

Artesã 1: Eu sou artesã desde criança. A partir dos meus 6,7 anos eu já fazia artesanato. Não em fibra de buriti, mas em palha de tucum e carnaúba.

Entrevistador: Você aprendeu com quem?

Artesã 1: Minha mãe. A gente fazia artesanato também da tala do buriti. Fazia peneira e titipi. Que é um artesanato mais utilitário pra trabalhar a farinha, em

casa de forno, peneira, tipiti, jacá. Esse tipo de artesanato que eu aprendi também com ela.

Entrevistador: Do que você aprendeu quando era menina até hoje, mudou a técnica?

Artesã 1: O que eu aprendi quando era criança a técnica é a mesma. Agora eu aprendi a fazer artesanato diferente que da fibra do buriti mudou muito. Nessa época o artesanato da fibra do buriti a gente só fazia rede pra dormir. A gente não fazia bolsa, nem caminho de mesa, nada do que o senhor tá vendo aqui (na loja das artesãs cooperadas em Barreirinhas). Era só rede pra dormir. E depois do turismo, aí a gente começou a trabalhar, fazer estes produtos diferentes, as artesãs mesmo começaram a criar.

O relato desta artesã demonstra o valor do saber artesanal tradicional e local e do aprender fazer observando algum membro da família, neste caso a filha aprendendo com a mãe artesã, um saber transmitido de geração a geração. O artesanato tradicional utiliza matéria-prima local ou da região em um saber fazer que é parte da cultura, produzido na comunidade e que reflete a realidade social dos produtores. Na fala da artesã também temos a percepção das mudanças que a dinâmica da indústria do turismo trouxe. O aumento da demanda do produto artesanal no comércio que surge a partir do maior fluxo de turistas (turismo cultural e de aventura) na Região onde se encontra o Parque Nacional dos Lençóis Maranhenses.

Grande parte das artesãs dos povoados de Barreirinhas e Tutóia produzem artesanato em fibra de buriti em seus domicílios (núcleo de produção familiar) cooperando com algum membro da família (filhas ou filhos e companheiro) ou cooperando com outras artesãs da vizinhança (grupos de produção).

As artesãs resgatam e instrumentalizam um saber tradicional local ao mesmo tempo em que produzem uma renda complementar para a economia da família. Estes trabalhadores do artesanato vivem assim entre tradição e a contemporaneidade. Entre um saber fazer tradicional parte de um saber cultural que é patrimônio coletivo e novas formas de produção e de consumo

que as artesãs desenvolvem em suas relações com o mercado do turismo e da moda e com as políticas de fomento ao artesanato.

A análise da economia do artesanato a partir de nosso caso empírico coloca desafios para pensar a economia do produto cultural enquanto uma economia popular. Destacamos a predominância da organização produtiva em domicílio com uma divisão de trabalho entre as artesãs e seus familiares. Em muito poucos povoados na Região constatei a existência de algum tipo de Oficina Coletiva que agregasse as artesãs do povoado. Visitei a “Casa da Artesã” no Povoado do Marcelino em Barreirinhas, apontada pelos informantes como a única oficina coletiva no município, enquanto espaço físico de produção local onde artesãs do povoado se reúnem para produzir. A maioria das artesãs afirmou nas entrevistas que gostaria que houvesse mais oficinas de produção nos povoados como um espaço físico comum onde as artesãs produziram seus produtos artesanais de forma cooperada e interativa.

Mesmo as artesãs cooperadas (Barreirinhas) e associadas (Tutóia) produzem em domicílio e Cooperativa e Associação funcionam como uma forma de cooperação para a comercialização seja no mercado local vendendo diretamente na loja seja no mercado nacional através da COOPERUNICA. A Artecoop de Barreirinhas e a Associação de Tutóia atuam como uma central que recebe os pedidos dos comerciantes através da COOPERUNICA. A Cooperativa COOPERUNICA é ligada ao Projeto Talentos do Brasil do MDA e atua como cooperativa especializada na comercialização dos produtos artesanais dos grupos de produção dentro das regras do comércio justo. A intermediação entre as artesãs associadas e cooperadas com o mercado nacional. A demanda surge tanto do mercado local (turismo cultural e ecológico) quanto do mercado nacional (acessórios de moda: bolsas e chapéus principalmente).

As artesãs cooperadas da Artecoop administram uma loja (alugada) na área urbana de Barreirinhas onde elas comercializam produtos produzidos pelas artesãs filiadas na Artecoop e também produtos produzidos por artesãs não filiadas na Cooperativa que produzem em núcleos de produção nos povoados sob a orientação de alguma artesã membro da Artecoop. As artesãs

da Associação de Tutóia comercializam seus produtos em uma loja cedida pela Prefeitura Municipal sem ônus para a Associação.

As lojas das artesãs atendem demanda do turismo que oscila de acordo com o período do ano. As artesãs associadas e cooperadas tem interesse na demanda externa ligada ao mercado de moda dos grandes centros urbanos. Neste mercado as artesãs podem encontrar um consumidor que valoriza o produto artesanal produzido com matéria prima natural e de valor cultural e um consumidor que pode pagar um preço maior do que aquele pago no mercado local.

A análise da cadeia de valor do artesanato concebida aqui como uma rede linear de atividades de trabalho e de produção que liga desde as atividades do projeto ou design do produto, passando pela sua manufatura ou confecção, pela comercialização e o marketing até o seu consumo final.

Inicialmente as artesãs criam ou projetam seus produtos para atender uma necessidade própria ou da família. Produzem uma rede para dormir, um tipiti ou peneira para manuseio de mandioca ou uma bolsa para transportar algum objeto. Com o advento do turismo desde final da década de 1990 na Região e o maior contato com agentes da indústria da moda através das atividades ligadas aos projetos das agências de fomento, as artesãs associadas e cooperadas passam a participar de oficinas de criação com designers patrocinados pelo Projeto do MDA em parceria com o SEBRAE/MA. A partir desta nova relação de trabalho entre artesãs e designers concepção e produção do produto artesanal passam a ser orientadas por valores estéticos e padrões de qualidade típicos do consumidor urbano.

A relação de trabalho entre artesãs e designers na produção de coleções de produtos artesanais tem provocado mudanças nas formas de produção. Aqui citamos o uso de novos insumos com a introdução do couro na produção de peças para a Coleção 2010 (Projeto Talentos do Brasil/MDA) apresentada no Fashion Rio seguindo tendências do mercado em uma espécie de *Artesanato Fashion*.

As artesãs têm participado de diversos tipos de oficinas com dois tipos de designers. Primeiro o designer local ou regional formado em curso superior de Design Industrial não necessariamente ligado ao mundo da moda e que atua como consultor e realiza oficinas diversas, como por exemplo, aprendizagem de técnicas de tingimento com uso de plantas naturais. Segundo o designer classificado mais como estilista ou designer de moda de renome nacional que realiza oficinas de criação de novas coleções vinculadas aos projetos das agências de fomento.

#### **4. Considerações finais.**

A cadeia de valor do artesanato utiliza inputs tangíveis (insumos materiais) e intangíveis (saberes coletivos). No caso da produção artesanal a base de fibra de buriti temos no início da cadeia produtiva o trabalho do extrativista que obtém a matéria prima principal (“olho” da palmeira) no ecossistema (buritizal) e fornece esta matéria para a artesã que irá extrair, beneficiar e tingir a fibra para depois confeccionar o produto.

A capacidade de pensar e de produzir da artesã se desenvolve a partir de elementos sociais e culturais que é parte do patrimônio sócio-histórico e cultural coletivo e dos saberes tradicionais. Uma capacidade de produzir manuseando técnicas e saberes práticos parte desta herança social e cultural coletiva. E temos o trabalho das artesãs costureiras que executam operações de acabamento do produto artesanal. Assim temos diversos tipos de trabalho ao longo da produção do artesanato a base de fibra de buriti. O trabalho do designer surge introduzindo novos valores estéticos e novas técnicas. Existem diversas formas de trabalho assim como diversidades de conteúdos nas redes de relações sociais de produção ao longo da cadeia de produção do artesanato.

A partir da análise da cadeia de valor do artesanato refletimos sobre o conceito de valor inserido nas relações sociais de produção em suas dimensões socioeconômicas e culturais. Em nossa análise destacamos as contribuições da antropologia para pensar o valor enquanto uma construção social (MAUSS, 2003; GRAEBER, 2001; CANCLINI, 1982).



Assim destacamos o valor utilitário do objeto artesanal para a artesã como, por ex., na produção de rede e de tapiti. O valor de uso para o produtor e para o consumidor. O valor emocional do artesão na produção e o valor emocional do comprador e do consumidor. O valor simbólico e cultural do produto artesanal. O valor ecológico do produto feito a partir de uma fibra vegetal. O valor estético do produto artesanal. Dentro dos limites deste artigo, gostaria apenas de apontar estas dimensões e indicar que a questão do valor deve ser analisada como parte das relações sociais e de forma transdisciplinar (economia política, sociologia e antropologia).

Na economia do artesanato a partir de nosso estudo de caso constatamos que existe uma apropriação do valor pelos intermediários ou comerciantes atravessadores. Estes comerciantes tem relativo controle da economia do artesanato na Região pesquisada. As artesãs associadas e cooperadas participaram de diversas oficinas sobre comércio justo. Contudo as artesãs cooperadas e associadas atuam imersas em uma economia predominantemente informal dominada por comerciantes “atravessadores”. As artesãs produzem e vivem em condições precárias com renda em média inferior ao salário mínimo.

O trabalho artesanal tem importância no sustento das famílias das artesãs e na reprodução da cultura local. Houve avanços como o surgimento de associações e de cooperativas de artesãos com apoio das agências de fomento na região. Contudo as artesãs vivem e produzem em condições precárias e imersas na informalidade. Estas trabalhadoras não tem acesso a diversos direitos. No trabalho de campo constatei que muitas artesãs filiam-se ao Sindicato dos Trabalhadores Rurais (como agricultoras) ou ao Sindicato dos Pescadores (como marisqueiras) a fim de obter proteção social o que produz uma forma de invisibilidade do trabalho artesanal nas estatísticas.

Constatamos que os conteúdos das redes de relações das artesãs associadas e cooperadas podem ser diversos. Desde cooperação através da experiência das próprias cooperativas e associações ainda que as artesãs associadas e cooperadas ainda sejam em número pouco significativo (em

média 25 membros). As redes podem ser de parceria entre as organizações das artesãs e agências de fomento ou ONGs.

Podem ser de competição quando as artesãs disputam a venda de seus produtos no mercado local ao lado de outros comerciantes. As artesãs cooperadas e associadas estão competindo no mercado local com sua loja e no mercado nacional nas diversas feiras e fashion business. Assim como podem ser de subordinação aos valores estéticos e mercadológicos da economia de mercado.

## **5. Bibliografia.**

ALEGRE, Sylvia P. *Mãos de Mestre: Itinerários da Arte e da Tradição*. São Paulo: Maltese, 1994.

ALVIM, M.R.B. Artesanato, tradição e mudança social – Um estudo a partir da “arte do ouro” de Juazeiro do Norte. In: RIBEIRO, Berta et al. *O artesanato tradicional e seu papel na sociedade contemporânea*. Rio de Janeiro: FUNARTE/Instituto Nacional do Folclore, 1983.

BAIR, Jennifer (editor) *Frontiers of Commodity Chain Research*. Stanford, California: Stanford University Press.

CANCLINI, Néstor G. *As Culturas Populares no Capitalismo*. São Paulo: Brasiliense, 1982.

CATTANI, A.D. *Dicionário de Trabalho e Tecnologia*. Porto Alegre, RS: Ed. da UFRGS, 2006.

FUNARTE. *Artesanato Brasileiro*. Rio de Janeiro: Fundação Nacional de Arte, 1980.

GEREFFI, Gary & KORZENIEWICZ, Miguel (orgs) *Commodity Chains and Global Capitalism*. Westport/Londres: Praeger, 1994.

GEREFFI, Gary. *A Commodity Chains Framework for Analyzing Global Industries*. Workshop on Spreading the Gains from Globalization. University of Sussex, Institute of Development Studies, 1999.

GITAHY, Leda & LEITE, M. de P. (orgs) *Novas Tramas Produtivas: Uma discussão teórico-metodológica*. São Paulo: SENAC, 2005.

GRAEBER, David. *Towards an Anthropological Theory of Value: The false coin of our own dreams*. New York: Palgrave, 2001.

HOPKINS, T.K. & WALLERSTEIN, I. *Commodity Chains in the Capitalist World-Economy Prior to 1800*. In: GEREFFI, Gary & KORZENIEWICZ, Miguel (editors) *Commodity Chains and Global Capitalism*. Westport: Praeger, 1994.

LIMA, R. G. *Artesanato: Cinco pontos para discussão*. Brasília: Ministério da Cultura - Centro Nacional de Folclore e Cultura Popular, 2005.

\_\_\_\_\_. *Artesanato em Debate: Paulo Keller entrevista Ricardo Gomes Lima*. Revista Pós-Ciências Sociais: PPGCS/UFMA, 2011 (no prelo).

MARX, Karl. *O Capital - Crítica da Economia Política*. 3ª. Ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1975 (Livro 1).

MAUSS, Marcel. *Ensaio sobre a dádiva: Forma e razão da troca nas sociedades arcaicas*. In: Sociologia e Antropologia. São Paulo: Cosac Naify, 2003.

MILLS, C. Wright. *Sobre o Artesanato Intelectual e Outros Ensaios*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2009.

POLANYI, Karl. *A Grande Transformação*. Rio de Janeiro: Campus, 2000.

VEIT, Mara Regina (org.) *Buriti: A Joia dos Lençóis Maranhenses*. In: *Histórias de Sucesso – Experiências empreendedoras*. Belo Horizonte, MG: SEBRAE Nacional, 2003.

SEBRAE. *Artesanato de São Luís, São José de Ribamar, Alcântara e Raposa*. São Luís - MA: SEBRAE/MA, 2007.

SENNETT, R. *O Artífice*. Rio de Janeiro: Record, 2009.

SIMMEL, Georg. *Conflict and the Web Of Group Affiliations*. New York: Free Press, [1922]1955.

SINGER, Paul. *Curso de Introdução à Economia Política*. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1987.

SMITH-DOERR, L. & POWELL, W. Networks and Economic Life. In: SMELSER, Neil J. & SWEDBERG, Richard (eds) *The Handbook of Economic Sociology*. 2a. Ed. Princeton e Oxford: Princeton University Press; New York: Russell Sage Foundation, 2005.

SOUSA, Paulo M. *Artes nas Mãos – Mestres Artesãos Maranhenses*. São Luis, MA: SEBRAE Maranhão, 2007.

SWEDBERG, Richard. *Principles of Economic Sociology*. Princeton: Princeton University Press, 2003.

SWEDBERG, R. & GRANOVETTER, M. *The Sociology of Economic Life*. Oxford-RU: Westview Press, 2001.

UNIDO. *Creative Industries and Micro & Small Scale Enterprise Development – A Contribution to Poverty Alleviation*. Vienna, Austria: United Nations Industrial Development Organization, 2002.

## A CADEIA DE VALOR DO ARTESANATO

Fonte: UNIDO (2002, p. 25)

Figure 1.1 The Crafts Value Chain

